

Cristovam Buarque

Como compatibilizar crescimento econômico, meio-ambiente, desenvolvimento humano, inovação e sustentabilidade visando a felicidade?

O conferencista declara seu especial interesse e satisfação em lidar com o tema da felicidade, ainda mais diante de uma plateia de gente da saúde e da possibilidade de ampliar a discussão até questões correlatas a ele, tal como saúde, sustentabilidade, desenvolvimento, condições econômicas, crescimento e bem-estar social.

Lembra que isso representa, sem dúvida, um grande desafio, porque envolve questões realmente complexas no mundo atual. É preciso, antes de tudo, dizer que, embora pareça ser a felicidade um assunto eminentemente pessoal, ela, na verdade, transcende a isso e vai muito além de questões ligadas à psicologia, autoajuda e coisas assim. Na verdade, felicidade é algo que tem diretamente a ver com o ambiente não só familiar como também social no qual a pessoa vive, abrangendo um espectro muito amplo de variáveis. Ela alcança a relação das pessoas com o mundo inteiro e, portanto, não depende do indivíduo, mas de todos e de tudo que os cercam.

Não são poucos os obstáculos à felicidade. Por exemplo: a pobreza, a doença, a violência urbana e doméstica, as guerras,

o desemprego, as condições de transporte e moradia e tantas coisas mais. Tudo isso indica e confirma que não se trata de questões que implicam apenas o mundo dos indivíduos, mas sim o coletivo. Em outras palavras, é uma questão *política*.

De certa forma, é uma questão de governo também, mas cabe lembrar que governos não oferecem, assim diretamente, felicidade a ninguém; contudo, podem ser instrumentos de facilitação ou obstáculo para que ela aconteça. Governos, desse modo, abrem (ou fecham) os caminhos para a aquisição da felicidade. É aí que entra o coletivo, pois é a força dele elege e legitima – ou não – os governos. É o coletivo das pessoas que maneja as ferramentas para que os governos funcionem bem e tragam a felicidade para elas, por meio de sua inegável influência na política.

A existência do SUS, por exemplo, é um fator para o alcance da felicidade. Assim, indaga-se: por que não estariam incluídas nele as ações de saneamento? Elas são indispensáveis para a saúde das pessoas e, portanto, para o alcance da felicidade. Isso se estende, também, ao acesso a medicamentos, aspecto que sabemos ser muito descuidado no SUS. Tudo isso são fatores geradores de felicidade, da mesma forma que, por exemplo a participação da sociedade na formulação e no acompanhamento das políticas públicas.

O fato é que se vive atualmente em ambientes pouco propícios ao alcance da felicidade. Na questão da violência, por exemplo, que, com outras mazelas urbanas, como o transporte e a habitação, contribui de forma muito negativa para que exista, de fato, a felicidade no país. Além disso, deve ser lembrada a

questão ambiental, como indicador da falta de qualidade na vida urbana no Brasil.

Pode-se dizer que tudo isso são questões necessárias, embora não suficientes, ao alcance da questão da felicidade por parte das pessoas.

É aqui que entra a importância da Educação de Base, que deve ter qualidade, sendo considerada mesmo como um verdadeiro “mapa” do caminho para alcançar a felicidade. É mediante o letramento que só a educação oferece que as pessoas poderão compreender os sinais do mundo em que vivem e, por meio dele, abrir os caminhos para a real felicidade. Isso se aplica a todas as vertentes da vida contemporânea, ao ato de pegar um ônibus, por exemplo, saber para onde ele vai ou interpretar uma receita médica.

Alfabetizar, enfim, não é algo banal, mas sim uma profunda necessidade para que as pessoas se preparem para a modernidade, mais do que isso, para compreender o complexo mundo que os rodeia, além de abrir portas para emprego, lazer e renda – este sim, inquestionáveis atributos da felicidade.

Só a Educação, enfim, tem o dom de permitir às pessoas não somente entender o mundo em que vivem, mas também se deslumbrar (ou se repugnar) com ele e, principalmente, tornarem-se capazes de transformá-lo. A escola, realmente, é uma poderosa chave para alcançar a felicidade. O analfabetismo deve ser considerado uma coisa hedionda, uma forma de tortura a ser combatida com todas as forças possíveis.

Ao mesmo tempo, não se pode negar que a escola, tal qual existe atualmente no nosso país, não contribui para as ne-

cessidades coletivas, não ajuda as pessoas a mudar o mundo e adequá-lo à modernidade.

O conferencista declara sua proposta de que a educação seja, de fato, de responsabilidade pública no Brasil – e, mais do que isso, a ser conduzida politicamente pelo governo federal. Defende um sistema nacional de educação nos moldes do SUS, que já atua tão bem – ou ainda mais radical – e que seja não somente público, mas também federalizado e único e, acima de tudo, dotado de qualidade. Convida a plateia tão qualificada, que é formada por gente da saúde, que passe a refletir sobre isso.

Acredita que um bom desfecho para essa conversa seria: que todos possam, neste país, dispor de chances iguais para alcançar a felicidade.